

Relendo Minas Gerais (finissecular)

José Luiz Foureaux de Souza Júnior¹

Admitimos que uma coisa é representar "o que aconteceu" e "por que aconteceu como aconteceu" e outra bem diferente é prover um modelo verbal, na forma de uma narrativa, de modo a explicar o *processo de desenvolvimento* que conduz de uma situação a uma outra situação recorrendo às leis de causação.

(Hayden White, *Meta-história*)

Metrópole, colônia e província são estágios de uma identidade que se revela numa literatura em constante diálogo cultural com o Parnasianismo, por um lado, e o Pré-modernis-mo, por outro. Entre dois pólos de tanta força, é possível localizar um "momento" da vida literária mineira que não aparece devidamente destacada na historiografia literária. O adjetivo "mineira" refere-se aqui apenas à localização geográfico-cultural, uma vez que os agentes dessa mesma literatura são, nesse caso, um carioca, um maranhense e um mineiro.

¹Professor de Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em Literatura Comparada pela UFMG.

Esse artigo visa a apresentação de apontamentos de um percurso de leitura da vida literária em Minas Gerais, no final do século XIX. Esse é o pressuposto do Projeto Integrado de Pesquisa, cujos primeiros apontamentos serão apresentados aqui. Para esses apontamentos é necessário considerar que a Literatura Comparada tem se voltado, nos últimos anos, especialmente no Brasil, para as questões relativas à Memória. Há, nessa posição, uma evidente preocupação com o resgate de uma tradição cultural, abandonada pelos estudos imanentistas, estreitamente relacionados com o conceito de ruptura. Propõe-se, assim, recuperar autores esquecidos, acervos extremamente ricos, no momento abandonados e, o que é mais importante, propiciar uma releitura de nosso passado cultural, abrangendo a literatura e suas relações, inclusive, com a música e as artes plásticas. Paralelamente a isso, deve-se considerar que esse direcionamento também leva em conta a leitura, não como mera recepção e interpretação de textos, em sua superfície lingüística, mas, muito mais, como procedimento (hermenêutico, sim!) que acaba por escrever uma história própria, a partir de seus próprios protocolos. Isso se dá porque a leitura resgata, no tempo, o que a escrita deixou marcado:

"A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um espaço e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se previne contra o desgaste do tempo (...) ela não conserva ou conserva mal o que adquiriu e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido.²

²CAVALLO, Guillermo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. 1998, v.1, p.7.

Estudos anteriores mostram que as sucessivas correntes críticas deixam marcas, que se vão acumulando. Progressivamente, camadas de leituras se assentam sobre a superfície textual, como poeira, acabando por roubar das obras qualquer brilho. Ao lê-las, anexamos à sua escrita os sentidos produzidos por toda a fortuna crítica a elas relacionada. Certos equívocos de leitura podem perpetuar-se. Aspectos relevantes das obras podem ser

obliterados por leituras às vezes totalizantes, que se propõem como verdades. As propostas da Literatura Comparada, especialmente a tendência que utiliza conceitos de várias disciplinas relacionadas com a Crítica Cultural, propiciam a análise de discursos, buscados em fontes primárias retirando do texto as sucessivas camadas de poeira e recolocando-o no contexto da cultura brasileira. E nesse sentido que se sustenta a pertinência dessa investigação. Nessa perspectiva, a inversão cronológica implícita nesse exercício de leitura se justifica e se sustenta. Não desejo assumir um erro ao confundir a figura de Afonso Arinos, o monarquista que recebe Raimundo Correia e Olavo Bilac em Ouro Preto, durante a "idade de ouro", com a do companheiro lírico de Pedro Nava, numa Semana Santa, em 1936. A alusão serve apenas para direcionar a operacionalização da leitura de fontes primárias que restabeleçam o contexto da vida literária finissecular em Minas Gerais.

Nesse sentido, reitera-se a questão dos protocolos de leitura. Este é um deles, numa dupla perspectiva de operacionalização, o que remete imediatamente para a Estética da Recepção, principalmente no "capítulo" referente ao perfil e à atuação do leitor. É necessário, então, considerar o que Alcir Pécora comenta, quando apresenta as idéias de Roger Chartier sobre a questão:

"(...) protocolos de leitura, basicamente de dois tipos (...). O primeiro remonta aos elementos que determinado autor dissemina pelo texto, de modo a assegurar ou ao menos indicar a correta interpretação que deveria dar a ele. (...) tais protocolos de leitura inscrevem no texto a imagem de um "leitor ideal", cuja competência adequada decodificaria o sentido preciso com que o autor pretendeu escrevê-lo (...).

Outro tipo de protocolo de leitura (...) é o que se produz na própria matéria tipográfica, em geral de responsabilidade do editor, de modo a favorecer certa extensão da leitura e a caracterizar o seu "leitor ideal", que não precisa assemelhar-se àquele originariamente suposto pelo autor".³

Assim, podem ser apontados dois objetivos fundamentais para a investigação que aqui se anuncia: desenvolver reflexões sobre a relação entre Literatura e História, no âmbito da crítica literária, tendo como base o estudo de fontes primárias existentes em Minas Gerais, mais especificamente na Região dos Inconfidentes e em Belo Horizonte; rever o conceito de tradição subjacente à produção literária de Minas Gerais, considerando-se não apenas a tradição "histórica", mas também a relação entre linguagem e cultura, e as decorrências de tal relação, na permanência de procedimentos literários que ultrapassem o âmbito de realizar uma antologia de textos literários e de sua crítica. Ambos os objetivos circunscrevem-se no âmbito da Literatura Comparada e têm sua operacionalidade articulada pela Estética da Recepção, como já referido.

Após um longo período de preocupação com aspectos puramente textuais, a Crítica Literária volta-se, hoje, para o

³ PÉCORA, Alcir. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier. *In*: CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. 1996, p. 10-11.

contexto sócio-cultural. Fazem-se necessários estudos que privilegiem as relações interdisciplinares, especialmente com a Crítica Cultural, a História, a Antropologia, a Filosofia. Esse retorno aos elementos externos ao texto não se faz, porém, sem dificuldades. Os profissionais voltados para a Literatura, apesar de uma formação teórica sólida, sentem-se pouco à vontade diante de metodologia das ciências sociais, especialmente no que diz respeito à reflexão histórica e à pesquisa em fontes primárias.

Com a existência de acervos e documentação abundante, parece-nos coerente uma proposta de leitura dessa natureza. Há, sem dúvida, uma necessidade premente de preenchimento de hiatos de formação, e esse só poderá ser efetivado no exercício da pesquisa teórica e empírica, além do relacionamento constante com profissionais de disciplinas afins. No entanto, isso não é o bastante. Corre-se o risco de, simplesmente, efetuar-se uma

transposição simplista de conceitos, ou afastar-se do objeto de estudo específico: o texto literário.

A pesquisa em acervos literários mostra-se um bom exemplo para a questão aqui colocada. Um olhar lançado sobre documentos de escritores exige bem mais que uma metodologia voltada para os estudos históricos. Usá-la, sem uma reflexão com base na teoria literária, pode levar unicamente à História da Literatura, jamais à relação entre o texto e seu respectivo contexto. As investigações mais voltadas para as possíveis "poéticas" subjacentes à produção literária, quaisquer que sejam sua localização e sua época, são condição *sine qua non* para qualquer pesquisa, inclusive a que pretende realizar uma leitura crítica da memória cultural vinculada a um período, como já referido, acerca do qual os estudos parecem por demais escassos. Faz-se necessário, então, que nos voltemos para estudos que tenham como objetivo a compreensão e estabelecimento de pressupostos teóricos mais eficazes na solução de problemas advindos das relações interdisciplinares.

As relações com a História, com a Sociologia, a Estética da Recepção, a Crítica Cultural, a Semiótica e as articulações filosóficas constituem exemplos dessa pluralidade interdisciplinar - marca do comparativismo e vetor de orientação da leitura historiográfica que se pretende realizar. Aqui, trata-se de uma investigação que, em seus objetivos específicos, prevê a localização, levantamento, leitura e análise dos documentos referentes à conhecida "idade de ouro", que teve lugar em Ouro Preto, no mesmo momento em que no Rio de Janeiro ocorria a "Revolta Armada de 1893", momento muito pouco estudado do ponto de vista da historiografia literária, principalmente aquela voltada para a vida literária e seus "arredores", em Minas Gerais.

Dois nomes aparecem, de imediato, nesse horizonte de expectativas: Raimundo Correia e Afonso Arinos de Melo Franco. O primeiro, "exilado" em Ouro Preto por conta da "armada" e o segundo, num elemento de "articulação" entre o poeta e o contexto de Ouro Preto; entre o representante do Parnasianismo e o clima inconfidente, sempre atuante no contexto sócio-político-cultural de Minas Gerais. A "leitura" desse momento da História do Brasil que se liga, por vias secundárias à História da Literatura, tem, em

Minas Gerais, um palco peculiar que estimula a investigação das relações mantidas pelos dois intelectuais e a articulação desse contato com o momento histórico que contextualiza os acontecimentos finiseculares de/em Minas Gerais, dos quais a literatura pode ser tomada como leitura de um contexto, de um momento, a ser novamente lido, para uma compreensão mais renovada e, possivelmente, aprofundada.

O campo dos estudos literários apresenta uma diversificação acentuada, do ponto de vista do diálogo interdisciplinar e é nessa perspectiva que minha proposta de leitura se coloca. Em seu campo particular de especulação, essa leitura se orienta e desenvolve a partir da interlocução entre Literatura e outros campos do saber - particularmente a História -, na busca da construção de um discurso que dê conta de instituir novos parâmetros para o estudo da própria Literatura e de sua historiografia. Entende-se por diálogo interdisciplinar a interlocução possível entre campos de conhecimento que podem interagir para a formulação de discursos críticos sobre a Literatura e suas questões. Prestando atenção em tudo o que tem sido processado, em termos de uma historiografia literária, percebe-se que a busca de uma identidade cultural tem colocado a Literatura sob a mira de olhares muito mais detalhistas e cuidadosos.

Em outras palavras, os estudos literários, atualmente (sob a orientação de sua historiografia, teorização e crítica, no âmbito do comparatismo literário) têm abandonado os estreitos limites da nacionalidade, no sentido de uma totalidade unária, para buscar uma interlocução com particularidades que vão se revelando ao longo do processo de leitura e análise do texto que a memória cultural vai legando e que vai sendo lido. Se o conceito de nacionalidade, nos termos em que se coloca essa questão, não é suficiente para uma descrição compreensiva de um "fenômeno" literário localizado, a citada interdisciplinaridade oferece oportunidades ricas e flexíveis de pensar essa mesma peculiaridade, a partir de outros pressupostos. E claro que recortes metodológicos têm que acontecer para viabilizar o trabalho.

Nesse sentido, a leitura que se faz da chamada "idade de ouro" assenta-se na hipótese de que o *status* dessa região passa por três categorias diferentes: metrópole, colônia e província -não necessariamente nessa ordem!

Em cada momento da História, esse *status* toma uma configuração diferenciada e, nesses termos, um outro dado fala da particularidade desse momento especial, pelo qual passou a cidade de Ouro Preto:

"Na última década do século passado a 'Imperial Cidade' da província de Minas tornou-se o centro de grande ebulição intelectual. Carlindo de Lellis situa essa 'idade de ouro' entre 1890 e 1897. Fora, por assim dizer, o canto de cisne da antiga Vila Rica, que já nos fins do século XVIII vivera outra época literária famosa: a dos poetas inconfidentes".⁴

Pois bem, essa "idade de ouro" reúne em Minas Gerais um grupo de intelectuais, entre eles Raimundo Correia e Afonso Arinos de Melo Franco. O destaque é meramente referencial, mas vale a pena sustentar uma hipótese: a de que o eixo cultural sofre um abalo na última década do século passado e que o encontro desses dois escritores explicita muito dos "efeitos" desse momentos na História da Literatura de Minas Gerais e do Brasil. Se o Rio de Janeiro, tendo passado a ser a capital federal, faz com que a mudança de regime político provoque um êxodo interno, alguma coisa deve ter acontecido, algum tipo de influência desse pólo histórico (Ouro Preto) deve ter representado para o quadro historiográfico da Literatura Brasileira. Ao lado dos intelectuais citados, alguns outros, não só de Minas Gerais, refugiaram-se aqui, decorrência do momento de convulsão por que passava o país. Ora, esse dado é muito instigante, uma vez que, da análise e estudo dessa mesma fase, das relações entre os intelectuais que por aqui circulavam, da produção desse grupo e do "tecido" que daí resulta, construindo um texto cultural de fundamental importância para a Literatura Brasileira, uma outra leitura da identidade cultural que se constituía no Brasil e os ecos da efervescência cultural e política podem ser percebidos a partir da análise dos elementos apresentados.

A partir do que aqui se expôs, pode-se afirmar a convicção de que o processo de investigação que se propõe apresenta bastante consistência, uma vez que a História da Literatura recebe aqui o influxo de um exercício de leitura crítica de um mo-

mento fundamental para o Pré-Modernismo e o próprio Modernismo, etapas decisivas para a consolidação do processo identitário pelo qual se pauta a ⁴ BRITO BROCA. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas*. 1991. p. 146.

produção literária nacional. Minas Gerais volta a ocupar um lugar de destaque, não mais por força de sua índole combativa, no campo da política, mas também no campo específico da produção literária que, nessa etapa da História do Brasil, vislumbra um desdobramento de sua nacionalidade com a consolidação de sua própria produção literária.

Assim, é mais que interessante ou útil, "iluminar" uma relação intelectual - a que estabelecem Raimundo Correia e Afonso Arinos de Melo Franco - no período denominado "idade de ouro", procurando determinar parâmetros consistentes para a releitura pretendida: a que se volta para o contexto das Minas Gerais finissecular e sua influência e/ou contribuição para os debates culturais que são fomentados no país, no momento em que se dá a mudança de regime político e, no campo das artes, o momento em que têm início as primeiras manifestações do que viria a ser o Pré-Modernismo. Por outro lado, faz-se importante o delineamento de um outro percurso de leitura da historiografia literária do/no Brasil, durante o período marcado pelo "aparecimento" da Primeira República, enquanto um texto escrito pela memória cultural. Este se desdobra numa releitura do que se pode chamar de "literatura mineira", num movimento de "re-acomodação" de um painel outro, mais amplo, que é o da Literatura Brasileira, no mesmo período.

Uma vez que a leitura que faço se inscreve sob o signo do diálogo interpretativo, parece bastante plausível que o primeiro passo metodológico dessa investigação se dê na direção de algumas idéias de Mikhail Bakhtin. Não estou a afirmar que tal leitura se sustenta, mas suas considerações acerca dos estudos literários e sua articulação com a História - que vai ser percebida e articulada, ainda que não especificamente, pela Estética da Recepção - são de suma importância para a orientação do eixo metodológico dessa mesma leitura. Mikhail Bakhtin. em "Os estudos literários hoje" (texto escrito como "resposta" à revista *Novy Mir*) faz a apresentação de um painel bastante

significativo de suas idéias a respeito da inserção do texto literário em seu respectivo contexto. Esse texto data de 1970 e se refere ao panorama dos estudos literários na Rússia, o que não tira dele a consistência necessária ao nosso propósito; e nos parece extremamente atual, principalmente se levarmos em conta os debates contemporâneos a respeito de uma crítica contextual. Parte, em princípio, da seguinte proposição:

"A ciência literária deve, acima de tudo, estreitar seu vínculo com a história da cultura. A literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo possível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época. Não se pode separar a literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores socioeconômicos, como é prática corrente. Esses fatores influenciam a cultura através desta e junto com ela, influenciam a literatura".⁵

Percebe-se que Bakhtin pensa a cultura a partir de um conceito de cunho antropológico, no qual só se apreende o sentido de um determinado elemento cultural a partir de uma compreensão de um sistema sócio-cultural. Esse aspecto leva a considerar a natureza "textual" da memória cultural, o que faz do signo e de seu sistema, uma referência operacional bastante rentável. Assim, sua noção de contexto será necessariamente mais ampla e mais rica que aquela freqüentemente adotada pela crítica, cercada por um corte temporal restrito.

⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 1992, p. 362.

Nessa medida, fica viabilizada a análise da "idade de ouro" como um sistema sócio-cultural da Literatura Brasileira, lida pelo viés da localidade mineira, a partir do encontro de dois intelectuais importantes para essa mesma literatura.

Esses intelectuais funcionam aqui como os signos que operacionalizam a memória cultural que vai sendo grafada pela historiografia literária que relata essa passagem da História do Brasil. Esse "detalhe" vai nos remeter, quase que obrigatoriamente, à consideração do que Jauss denomina de "horizonte de expectativas". Esse horizonte requer, portanto, uma visada menos "sincrônica" para os estudos literários, colocando-os na perspectiva da longa duração - referência explícita à *nova história*, numa focalização genérica - nos termos em que se coloca a proposta de integração que envolve esse projeto. Nesse sentido, é interessante observar, mais uma vez, o que diz Mikhail Bakhtin:

"Nossa pesquisa costuma operar com base nas características da época a que pertencem os fatos literários em estudo sem distingui-las, na maioria das vezes, daquelas que se aplicam à história em geral e sem introduzir a menor análise diferencial do campo cultural, nem de sua interação com a literatura. Tais análises demonstram, aliás, uma total ausência de metodologia. A chamada vida literária de uma época, cujo estudo se efetua sem referência ao estudo da cultura, resume-se a uma luta superficial de tendências literárias, e quando se trata dos tempos modernos (sobretudo do século XIX), o processo se resume às lutas verbais das revistas e jornais que ficaram sem grande influência sobre a literatura da época. A intensa ação exercida pela cultura (principalmente a das camadas profundas, populares) e que determina a obra de um escritor ficou inexplorada e, muitas vezes, totalmente insuspeita. Semelhante procedimento barra o acesso à profundidade das grandes obras. A literatura adquire ares de algo insignificante e frívolo".⁶

Há, nessas palavras, evidentes ecos dos estudos anteriores de Bakhtin, especialmente daqueles que tratam do conceito de dialogismo. Essa não é a mola mestra do exercício de leitura que se efetiva, mas coloca em cena o caráter intertextual com que as leituras que a memória cultural vai proporcionando ao longo do tempo. Para o crítico russo, o texto apresenta-se como uma convergência de múltiplos textos e, portanto, deve ser estudado a partir de um corte temporal mais amplo, ao que ele se refere como grande

temporalidade. Como superfície em que os elementos de uma tradição lingüística e literária se atualizam e se organizam, a obra só pode ser compreendida ao ser libertada de sua contemporaneidade.

Essa idéia nos faz encontrar eco na proposta de buscar nos acervos bibliográficos, com seus "documentos" de época, os elementos necessários à consolidação de um contexto que não apenas recupere o passado como também oriente a leitura do momento presente, aquele em que se insere tanto a obra (se for o caso) em estudo, como o contexto de leitura desse mesmo momento. No presente projeto, Ouro Preto, na época da "idade de ouro" é o contexto a ser explorado e a produção de Raimundo Correia e Afonso Arinos, os elementos para a construção do texto que se quer ler, o que explicita a memória cultural do contexto constituído e selecionado. Para concluir esse raciocínio, é necessário tomarmos, uma última vez, as palavras de Bakhtin:

"Não é muito desejável estudar a literatura independentemente da totalidade cultural de uma época, mas é ainda perigoso encerrar a literatura apenas na época em que foi criada, no que se poderia chamar sua contemporaneidade e de seu passado imediato (em geral, nos limites da época tal como a entendemos). Receamos aventurar-nos no tempo, afastar-nos do fenômeno estudado. Ora, uma obra deita raízes no passado remoto. As grandes obras da literatura levam séculos para nascer e, no momento em que aparecem, colhem apenas o fruto maduro, oriundo do processo de

⁶Idem, p. 363.

em compreender e explicar uma obra a partir das condições de sua época, a partir das condições que lhe proporcionou o período contíguo é condenar-se ajamais penetrar as suas profundezas de sentido".⁷

O estudo de acervos e documentação depositada em bibliotecas, sem dúvida, nos proporciona a oportunidade para esse trabalho em profundidade, proposto por Bakhtin, especialmente por nos oferecer um panorama mais detalhado do contexto dos autores referidos. É o que pretendemos realizar no acervo de Raimundo Correia, de Afonso Arinos de Melo Franco e nas bibliotecas e acervos de Mariana e Ouro Preto. Esses "documentos" nos darão pistas para reconstruir toda uma trajetória, não só do(s) escritor(es), como

também do(s) gênero(s) literário(s) *lato sensu*: a mentalidade da sociedade que, em última instância, foi a responsável pela organização do material; a ideologia das entidades oficiais e sua função histórica, legitimadora; leituras do(s) escritor(es); tradição cultural e familiar e amizades literárias; tradição literária relacionada à formação educacional, além do resgate de todo um sistema simbólico presente nos objetos e vestígios documentais do cotidiano.

Como estou lidando, em primeira instância, com um problema de historiografia literária, minha proposta necessita de uma outra referência para sustentar sua própria coerência interna. E nesse sentido que, no âmbito da estética da recepção (uma vez que o estudo de acervos nos leva, necessariamente, à preocupação com o esboço de um horizonte de expectativas) privilegia-se a questão da historicidade, via recepção literária, nos termos em que é colocada por Hans Robert Jauss, a partir de sua memorável aula na Universidade de Constança.

Em suas sete teses sobre a História, matéria dessa conferência, Jauss⁷ afirma que a historicidade da obra literária, que leva a pensar numa possível "longa duração", como já foi mencionado anteriormente, cabe como uma luva no trabalho que se propõe, principalmente se tomarmos em consideração o que diz Regina Zilberman, introduzindo o "plano" do raciocínio de Jauss, na referida conferência:

"(...) a noção de história (...) deixa de ser vista como progresso e evolução, segundo a ótica linear e teleológica herdada dos positivistas. Pelo contrário, ela se faz de avanços e recuos, reavaliações e retomadas de outras épocas, obrigando a história da literatura a manter-se atenta e a repensar sua metodologia, que não pode mais limitar-se ao alinhamento unidirecional e unidimensional dos fatos artísticos".⁸

O comentário de Regina Zilberman dá bem a medida do conceito de História com o qual estou operando aqui. Apresentando uma interpretação das teses de Jauss, especificamente a tese V, a autora ressalta o papel dinamizador da História e a necessidade de valorizar o novo, enquanto uma "qualidade móvel", ou seja, com conseqüências estéticas e históricas, compreendendo por isso o movimento constante de reavaliação de leituras já feitas com a recuperação do contexto cultural adjacente.

Uma outra idéia realçada pela comentarista é a de que esse tipo de posicionamento sempre provoca, ainda que alguns não o admitam, o resgate do passado, de momentos importantes tanto da Literatura, enquanto realização estética, quanto da História, enquanto relato contextualizado - portanto, mantido e alimentado pela memória cultural -, das mesmas realizações, em

⁸ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. 1989, p. 39.

suas relações culturais. Através do que ficou documentado, seja como criação literária, seja como registro histórico, pela pena de Raimundo Correia e Afonso Arinos de Melo Franco, constitui o material que pode nos levar à releitura de "resgate" do passado recente da Literatura Brasileira. Esse resgate não significa, é certo, a valorização do passado pelo passado; mas, como quer a comentarista de Jauss, a valorização de recursos e avanços, de reavaliações e levantamento de hipóteses, para uma melhor compreensão da Literatura e da História, em determinado momento. Esse posicionamento, como é óbvio, faz pensar na figura do leitor, enquanto agente do processo de resgate, de leitura dessa memória, de vivificador da historicidade da obra literária.

Nesse sentido, é importante destacar o que diz o próprio Jauss, na "introdução" à apresentação de suas sete teses, em **A história da literatura como provocação à teoria literária**:

"(...) a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela

comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética".⁹

⁹JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. 1994, p. 23.

Bem, eu sou o leitor aqui. Cabe, então, a mim, realizar essa tarefa de dar consistência e sentido às implicações estéticas e históricas a que me propus. Um desdobramento disso seria a realização dessa "releitura" sob a perspectiva de um encontro inesperado, ocorrido em Ouro Preto, como já mencionado. A "idade de ouro", conseqüência dos desdobramentos dos movimentos político-sociais que culminaram com a proclamação da República, seria o operador que Jauss chama de implicação histórica. Esse dado (constituído da análise de documentos referentes às atividades dos autores referidos, em Ouro Preto, durante sua estada, depositados nos diversos arquivos da cidade; da releitura e análise de sua produção especificamente literária; da busca, leitura e análise de sua correspondência com outros intelectuais) constitui *pari passu* o horizonte de expectativas do próprio projeto. Parece que todos os dados apontados como essenciais por Jauss estão contemplados. Confirma-se, portanto, a importância da recepção primária, como quer Jauss, dando vazão crítica à leitura de uma recepção segunda.

Com isso, uma retomada de um momento crucial para a vida literária e política nacional, num desdobramento político-cultural de conseqüências variadíssimas, que podem ser percebidas pela eclosão do Pré-Modernismo, em todas as suas manifestações, ultrapassa o limite do meramente metodológico. A hipótese aqui é a de que esse momento, ainda tão pouco estudado, do ponto de vista da historiografia literária (trata-se da Revolução

da Armada de 1893), consiga iluminar mais o processo de resgate de um outro processo, o identitário, que perpassa (também) toda a produção literária nesse período.

Referências bibliográficas

- BRITO BROCA. *Naturalistas, Parnasianos, Decadistas*. Campinas: Ed.Unicamp, 1991.
- CAVALLO, Guillermo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. Tradução de Fúlvia M.L. Moretto *et alii*. São Paulo: Ática, 1998, v.1
- CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Tradução de Criatiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. Tradução de Sérgio Telarolli. São Paulo: Ática, 1994.
- MOISAN, Clément. *Qu'est-ce que l'histoire littéraire*. Paris: PUF, 1987.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: Edusp, 1997.
- WHITE, Hayden. *Tópicos do discurso*. Tradução de Alípio C. de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Atica, 1989.